



"Não queria parecer ridículo", explicou o ator inglês Timothy Spall sobre o empenho que colocou na aprendizagem com o tutor Tim Wright

Spall teve de aprender a pintar para ser *Mr. Turner*

Realismo. Em Portugal, a estreia de *Mr. Turner* está marcada para dezembro. Antes será exibido fora de competição no Lisbon & Estoril Film Festival, que arranca a 7 de novembro

RUI PEDRO TENDINHA

Numa altura em que começam a estar lançados os dados para os filmes da "temporada dos prémios" e, por consequência, a chamada caminhada para os Óscares de 2015, uma série de atores parece estar com avanço nesta corrida. Michael Keaton em *Birdman or (The Unexpected Virtue of Ignorance)*, Benedict Cumberbatch em *O Jogo da Imitação* e Timothy Spall em *Mr. Turner* são os nomes nos quais a imprensa americana mais aposta.

Spall, que em Cannes venceu o prémio de interpretação masculina, foi recentemente aplaudido e consagrado no BFI - Festival de Londres, onde o filme de Mike Leigh foi exibido numa gala. Um triunfo para um dos atores fiéis ao cinema de Leigh e que nesta visão sobre os últimos dias de J.M.W. Turner (1775-1851) é perfeito no mimetismo. Uma interpretação capaz de apagar qualquer sombra de

"boneco" ou maneirismo, mesmo quando se joga com características vocais do pintor britânico, nomeadamente uma insistência num resmungar muito próprio.

Entre as muitas proezas do ator está a forma como consegue envelhecer. Spall, apesar de estar caracterizado, não está "apagado". E sentimos a idade e a degradação física não através de truques de *make up* ou de câmara, mas precisamente

pelas pequenas e subtis modulações do ator. Um estado de graça que passou por uma imersão na figura de Turner a todos os níveis histórica. Leigh obrigou o seu ator *fetiche* a aprender a pintar dois anos antes da rodagem. Dois anos de treino profundo para que conseguisse pintar em alguns planos telas que reproduzissem a arte do pintor do século XIX. Tim Wright, pintor retratista, foi o seu tutor nesta imersão

nas artes plásticas e já veio a público manifestar a sua admiração pelos dotes de pintor do ator. Os feitos de Spall são de tal forma impressionantes que já está programada em Sussex, para o ano, uma exposição das telas do ator pintadas para o filme. A exposição será em Petowart House, local onde o pintor inglês ia frequentemente para se inspirar nas paisagens rurais.

Sobre o processo de pintar enquanto é filmado por uma grande equipa de cinema e por um dos mestres de luz em cinema, o diretor de fotografia Dick Pope, Spall, em Cannes, na conferência de imprensa, confessou: "Não queria parecer ridículo. Quis trabalhar com emoções. A relação com a sua mãe deixou-lhe cicatrizes no coração e transformou-se num homem emocionalmente disfuncional, em especial com as mulheres." *Mr. Turner* opta por não seguir as vias do *biopic* comum. É um trabalho radicalmente frio e que se concentra no método de Turner. Um filme que

entra pela pintura adentro e que se concentra na última fase da vida do pintor, descrevendo a sua última relação com uma mulher.

Para Spall, este é o grande momento de uma carreira que teve os seus altos com o cinema de Leigh, em especial em filmes como *Segredos e Mentiras* (1996) e *Tudo ou Nada* (2002), bem como a popularidade nos vários filmes da série *Harry Potter*. Neste momento, empresta a voz a Bayard, uma das personagens da sequência de *Alice no País das Maravilhas*.

Curiosamente, está já concluído outro filme sobre o pintor J.M.W. Turner. Chama-se *The Eccentric Mr. Turner* e é uma curta realizada por Michael Booth. O ator Gary Taylor interpreta um Turner bem mais excêntrico. Recorde-se que outros atores de renome já interpretaram famosos pintores. Colin Firth foi um perfeito Vermeer em *A Rapariga com Brinco de Pérola*, de Peter Webber. O seu método foi o de ir estudar a pintura do mestre holandês em vários museus. Método diferente teve Anthony Hopkins quando se transformou em Pablo Picasso em *Sobreviver a Picasso*, de James Ivory. O ator galês, que também se considerava pintor e já expôs, preferiu, durante as filmagens, comer o mesmo menu que Picasso comia. O método mais realista de Spall talvez só tenha semelhanças com o que Ed Harris fez em *Pollock*, a biografia que o ator realizou sobre o pintor Jackson Pollock, pintando sem truques de câmara, utilizando a mesma técnica do retratado.

EM PORTUGAL

Quer ver um Turner? Tem de ir à Gulbenkian

Se Timothy Spall tivesse querido fazer pesquisa das obras de Turner em Portugal teria ido parar apenas a um local: ao Museu Gulbenkian. A coleção da Fundação Calouste Gulbenkian tem na sua exposição permanente duas pinturas importantes de J.M.W. Turner: *O Naufrágio de Um*

Cargueiro, com data de 1810, e o sublime *Quillebeuf, Foz do Sena*, de 1833. E uma aguarela, *Plymouth com Arco-Iris*, que brilhou numa exposição que em 2003 trouxe à Gulbenkian mais de 70 outros trabalhos do artista pertencentes ao espólio da Tate Britain.